

OS PERSONAGENS NEGROS NA OBRA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO

SANDRO NONATO CORDEIRO¹

ME. HEBER JUNIO PEREIRA BRASÃO²

ME. BEATRIZ NUNES SANTOS E SILVA³

DANILO RISCHITELI BRAGANÇA⁴

RODRIGO MÁRCIO DE OLIVEIRRA E SILVA⁵

RESUMO

Introdução: Este trabalho apresenta um estudo na área de Literatura Infantojuvenil, especificamente sobre o preconceito racial presente na obra infantil de Monteiro Lobato, com foco nos personagens negros dos livros desse autor. **Objetivo:** Analisar o preconceito racial presente na obra infantil de Monteiro Lobato, com foco nos personagens negros presentes na obra. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com consultas em livros, artigos científicos e sites da Internet que tratam do assunto. **Resultados e discussão:** Os resultados mostram que os livros de Monteiro Lobato, em geral, e também sua obra para crianças, veicula o preconceito racial que era um traço comum na época, com menos de 50 anos da abolição da Escravatura. Emília, a boneca de pano, é o *alter ego* do seu criador e, por meio dela, que não tinha “papas na língua”, como se dizia à época, Lobato deixa bem clara sua posição ideológica em relação à raça negra. **Considerações finais:** Se à época de Lobato, o preconceito racial era comum, hoje a sociedade brasileira mudou, ocorre uma conscientização das pessoas negras quanto a seus direitos. Pelo menos atualmente, as manifestações racistas são punidas, por constituírem um crime inafiançável. O professor de Português não deve proibir seus alunos de lerem os livros de Monteiro Lobato, por ele ser racista, mas, sim, aproveitar o ensejo para discutir essas questões com seus alunos e conscientizá-los de que ninguém tem permissão para manifestar racismo ou intolerância de qualquer espécie, sobretudo na escola.

Palavras-chave: Prática de ensino. Literatura infantil. Monteiro Lobato. Racismo.

ABSTRACT

INTRODUÇÃO

A literatura infantojuvenil no Brasil teve em Monteiro Lobato seu principal nome. De fato, ele foi o primeiro autor a fazer livros infantis sobre o Brasil, com personagens brasileiros e uma linguagem voltada para as crianças. No entanto, tantos anos após sua morte, ele tem sido

¹ Graduando do Curso de Letras Português/Inglês, UNIFUCAMP, Monte Carmelo, MG.

² Coordenador do Curso de Letras Português/Inglês, UNIFUCAMP, Monte Carmelo, MG.

Cadernos da Fucamp, v.22, n.58, p.108-123/2023

duramente criticado pelo racismo presente em suas obras. Suas personagens Tia Nastácia e Tio Barnabé são os principais personagens negros de Lobato, embora haja outros.

Em assim sendo, o objetivo geral deste estudo foi analisar o preconceito racial na obra de Lobato para crianças, focalizando, sobretudo, o tratamento dado por Emília a Tia Nastácia.

A pergunta de pesquisa, que orientou a realização desta investigação foi: “Monteiro Lobato tinha consciência do racismo expresso em sua obra para crianças?”

Este estudo se justifica, porque o professor de Português precisa conhecer os detalhes das obras literárias, para melhor trabalhá-las com seus alunos. A literatura pode, sim, ser valioso instrumento de discussão e de conscientização do professor e do aluno quanto aos problemas da intolerância de qualquer tipo, sobretudo a racial.

Para apresentar os resultados obtidos, este artigo se divide em três seções, além desta introdução. A primeira seção apresenta os fundamentos teóricos e se divide em subseções. A primeira delas apresenta a biografia de Monteiro Lobato; a segunda subseção versa a respeito do racismo no Brasil, no passado e no presente; a terceira mostra Emília como porta-voz das ideias lobatianas; a quarta descreve Tia Nastácia, em termos físicos e psicológicos. A quinta apresenta as características de outra personagem negro, Tio Barnabé. A segunda seção descreve a metodologia de trabalho. Em seguida, são tecidas as considerações finais e apresentadas as referências.

1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1 Monteiro Lobato: vida e obra

Monteiro Lobato (1882-1948) foi um escritor e editor brasileiro. "O Sítio do Picapau Amarelo" é sua obra de maior destaque na literatura infantil. Criou a "Editora Monteiro Lobato" e mais tarde a "Companhia Editora Nacional". Foi um dos primeiros autores de literatura infantil de nosso País e de toda a América Latina.

Metade das obras de Monteiro Lobato é formada de literatura infantil. Destaca-se pelo caráter nacionalista e social. O universo retratado em suas obras são os vilarejos decadentes e a população do Vale do Paraíba, quando da crise do café. Situa-se entre os autores do Pré-Modernismo, período que precedeu a Semana de Arte Moderna.

Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, no dia 18 de abril de 1882. Era filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Monteiro Lobato. Alfabetizado pela mãe, logo

despertou o gosto pela leitura, lendo todos os livros infantis da biblioteca de seu avô o Visconde de Tremembé.

Desde menino já mostrava seu temperamento irrequieto, escandalizou a sociedade quando se recusou a fazer a primeira comunhão. Fez o curso secundário em Taubaté. Com treze anos, foi estudar em São Paulo, no Instituto de Ciências e Letras, e se preparou para a faculdade de Direito.

Registrado com o nome de José Renato Monteiro Lobato, resolve mudar de nome, pois queria usar uma bengala, que era de seu pai, que havia falecido no dia 13 de junho de 1898. A bengala tinha as iniciais J.B.M.L. gravadas no topo do castão, então, mudou de nome e passou a se chamar José Bento, assim as suas iniciais ficavam iguais às do pai.

Ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco na capital e graduou-se em 1904. Na festa de formatura, fez um discurso tão agressivo, que vários professores, padres e bispos, retiraram-se da sala. Nesse mesmo ano, voltou para Taubaté. Prestou concurso para a Promotoria Pública e assumiu o cargo na cidade de Areias, no Vale do Paraíba, no ano de 1907.

Monteiro Lobato casou-se com Maria Pureza da Natividade, em 28 de março de 1908. Com ela teve quatro filhos, Marta (1909), Edgar (1910), Guilherme (1912) e Rute (1916). Paralelamente ao cargo de Promotor, escrevia para vários jornais e revistas, fazia desenhos e caricaturas. Ficou em Areias até 1911, quando se mudou para Taubaté, para a fazenda Buquira, deixada como herança pelo seu avô.

No dia 12 de novembro de 1912, o jornal O Estado de São Paulo publicou uma carta sua enviada à redação, intitulada "Velha Praga", onde destaca a ignorância do caboclo, critica as queimadas e que a miséria tornava incapaz o desenvolvimento da agricultura na região. Sua carta foi publicada e causou grande polêmica. Mais tarde, publicou novo artigo "Urupês", onde aparece pela primeira vez o personagem "Jeca Tatu".

Em 1917, vendeu a fazenda e foi morar em Caçapava, onde fundou a revista "Paraíba". Nos doze números publicados, teve como colaboradores Coelho Neto, Olavo Bilac, Cassiano Ricardo entre outras importantes figuras da literatura. Mudou-se para São Paulo, onde colaborou com a "Revista do Brasil".

No dia 20 de dezembro de 1917, publicou, no jornal O Estado de São Paulo, um artigo intitulado "Paranoia ou Mistificação?", onde critica a exposição de Anita Malfatti, pintora paulista recém-chegada da Europa. Estava criada uma polêmica, que se transformou em estopim do Movimento Modernista.

Entusiasmado, Lobato comprou a "Revista do Brasil" e tornou-se editor. Publicou, em 1918, seu primeiro livro "Urupês", que se esgotou em sucessivas tiragens. Transformou a revista em centro de cultura e a editora em uma rede de distribuição com mais de mil representantes.

Monteiro Lobato, em sociedade com Octalles Marcondes Ferreira, fundou a "Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato". Com o racionamento de energia, a editora foi à falência. Venderam tudo e fundaram a "Companhia Editora Nacional". Lobato mudou-se para o Rio de Janeiro e começou a publicar livros para crianças.

Em 1921, publicou "Narizinho Arrebitado", livro de leitura para as escolas. A obra fez grande sucesso, o que levou o autor a prolongar as aventuras de seus personagens em outros livros girando todos ao redor do "Sítio do Picapau Amarelo". Em 1927 foi nomeado, por Washington Luís, adido comercial nos Estados Unidos, onde permaneceu até 1931.

Como escritor literário, Lobato destacou-se no gênero "conto". O universo retratado, em geral, são os vilarejos decadentes e as populações do Vale do Paraíba, quando da crise do plantio do café. Em seu livro "Urupês", que foi sua estreia na literatura, Lobato criou a figura do "Jeca Tatu", símbolo do caipira brasileiro. As histórias do "Sítio do Picapau Amarelo", e seus habitantes, Emília, Dona Benta, Pedrinho, Tia Nastácia, Narizinho, Rabicó e tantos outros, misturam a realidade e a fantasia usando uma linguagem coloquial e acessível.

O livro "Caçadas de Pedrinho", publicado em 1933, que faz parte do Programa Nacional Biblioteca na Escola, do Ministério da Educação, foi questionado pelo movimento negro, por conter "elementos racistas". O livro relata a caçada a uma onça que está rondando o sítio.

É guerra e das boas, não vai escapar ninguém, nem tia Nastácia, que tem cara preta.

José Renato Monteiro Lobato ou José Bento Monteiro Lobato faleceu em São Paulo, no dia 5 de julho de 1948, de problemas cardíacos.

Suas principais obras são: Ideias de Jeca Tatu, conto (1918); Urupês, conto (1918); Cidades Mortas, conto (1920); Negrinha, conto (1920); O Saci, literatura infantil (1921); Fábulas de Narizinho, literatura infantil (1921); Narizinho Arrebitado, literatura infantil (1921); O Marquês de Rabicó, literatura infantil (1922); O Macaco que se fez Homem, romance (1923); Mundo da Lua, romance (1923); Caçadas de Hans Staden, literatura infantil (1927); Peter Pan, literatura infantil (1930); Reinações de Narizinho, literatura infantil (1931); Viagem ao Céu, literatura infantil (1931); Caçadas de Pedrinho (1933); Emília no País da Gramática, literatura infantil (1934); História das Invenções, literatura infantil (1935); Memórias da Emília, literatura infantil (1935).

Cadernos da Fucamp, v.22, n.58, p.108-123/2023

infantil (1936); Histórias de Tia Nastácia, literatura infantil (1937); Serões de Dona Benta, literatura infantil (1937); O Pica-pau Amarelo, literatura infantil (1939). Principais fábulas: O Cavalo e o Burro; A Coruja e a Águia; O Lobo e o Cordeiro; O Corvo e o Pavão; A Formiga Má; A Garça Velha; As Duas Cachorras; O Jaboti e a Peúva; O Macaco e o Coelho; O Rabo do Macaco; Os Dois Burrinhos; Os Dois Ladrões; A caçada da Onça³.

1.2 O racismo no Brasil, no passado e no presente

Em se tratando de racismo, é pertinente destacar que não é de hoje que se fala no assunto e que, além disso, por mais que se discuta há décadas sobre o tema, ele ainda é muito recorrente em nossa sociedade.

Para melhor entendimento sobre o que seja racismo, cabe trazer algumas considerações a respeito do seu significado. Pois bem, racismo pode ser entendido como um conjunto de crenças e de teorias que determinam a existência de hierarquia entre raças e etnias, sendo assim, determinada raça ou etnia se sente no direito de se impor frente às demais, o que causa uma série de arbitrariedades e desencontros, bem como grandes injustiças.

Para primeiro entendermos o que é o racismo no Brasil precisamos analisar a História e, assim, extrair dela as lembranças, os fatos e as comprovações a respeito do tema, portanto, precisamos falar sobre escravidão. A escravidão foi introduzida no Brasil com a intenção de potencializar a produção de riquezas. A partir do século XVI, os portugueses passaram a trazer enorme quantidade de africanos para serem escravizados no Brasil. Já no século XVIII, essa função foi exercida pelos próprios brasileiros que lucravam muito com o comércio de escravos.

Estima-se que cerca de onze milhões de africanos tenham sido obrigados a vir para a América, deste total, estima-se que mais ou menos quatro milhões vieram especificamente para o Brasil. Os africanos trazidos para cá eram tratados como coisas, como mercadorias, até mesmo do ponto de vista jurídico, portanto eram vendidos, dados como presente, barganhados e assim por diante. Viviam em condições humilhantes, passavam por situações degradantes tanto físicas quanto psicológicas.

Para disseminar a ideia de que o negro africano estava em condições de servente de uma “classe superior” eles propagavam a ideia de que os negros eram inferiores, não faziam parte de uma “raça pura”, não deviam ser tratados como cidadãos dotados de direitos, respeito ou qualquer tipo de reconhecimento e exatamente neste ponto que aparece o racismo, uma ideologia criada durante o século XIX, com vistas a explicar a escravidão.

³ Disponível em <https://www.google.com/search?q=Biografia+de+Monteiro+Lobato>
Cadernos da Fucamp, v.22, n.58, p.108-123/2023

A escravidão no Brasil durou cerca de três séculos, ou seja, trezentos anos de desigualdade, de injustiça e de racismo na sua forma mais desumana. Apenas com a assinatura da Lei Áurea é que foi, juridicamente, determinado o fim da escravidão. Entretanto, há que se refletir que uma coisa é pôr fim à escravidão por meio de uma legislação, outra coisa bem diferente é colocar fim ao racismo que ficou arraigado na estrutura social brasileira e que, dia após dia, estamos lutando para superá-lo, minimizá-lo e, quem sabe, extingui-lo da nossa sociedade.

Se durante muitos e muitos anos o racismo foi considerado como algo normal e até mesmo como método de justificativa para atitudes descabidas e vergonhosas, por meio de um esforço envidado por gerações de militantes, pessoas comprometidas com a sociedade e com o respeito ao ser humano o racismo é, nos dias atuais, considerado como crime, inclusive, inafiançável.

Determina o artigo 140 do Código Penal que:

Art. 140 - Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro:

Pena - detenção, de um a seis meses, ou multa.

§ 1º - O juiz pode deixar de aplicar a pena:

I - quando o ofendido, de forma reprovável, provocou diretamente a injúria;

II - no caso de retorsão imediata, que consista em outra injúria.

§ 2º - Se a injúria consiste em violência ou vias de fato, que, por sua natureza ou pelo meio empregado, se considerem aviltantes:

Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa, além da pena correspondente à violência.

§ 3º Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência: (Redação dada pela Lei nº 10.741, de 2003). Pena - reclusão de um a três anos e multa. (Incluído pela Lei nº 9.459, de 1997)⁴.

E o artigo 5º inciso XLII da Constituição da República Federativa do Brasil preleciona que “[...] a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei⁵”, isto é, além de o racismo ser considerado um crime no Brasil, este é também inafiançável, ou seja, não admite fiança nem mesmo prescreve ao longo do tempo.

Todavia, o racismo é algo enraizado na cultura brasileira por muitos anos. A sociedade tem evoluído acerca do debate sobre o assunto, a legislação e as autoridades no assunto (aqueles que têm voz ativa na sociedade) têm lutado diuturnamente para acabar com o racismo e com

⁴ Código Penal Brasileiro. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em 22 de out. de 2020.

⁵ Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 22 de out. de 2020.

qualquer tipo de ideia de que alguém possa ter em sentir-se superior ao outro tão somente pela cor da pele.

De fato, estamos evoluindo, mas ainda de maneira lenta haja vista a quantidade de casos de discriminação racial que ainda existem, sobretudo com a facilidade que as pessoas encontram na era da tecnologia. Mas o que realmente importa é o debate incessante e a propagação da consciência de que somos todos seres humanos, dotados de qualidades e defeitos, e que são as diferenças que nos tornam seres tão únicos dentro de cada particularidade.

Gilberto Gil, na canção “A mão da limpeza” faz uma denúncia desse preconceito velado, subliminar às atitudes de muitos brasileiros:

O branco inventou que o negro
Quando não suja na entrada
Vai sujar na saída, ê
Imagina só
Vai sujar na saída, ê
Imagina só
Que mentira danada, ê

Na verdade a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o negro penava, ê

Mesmo depois de abolida a escravidão
Negra é a mão
De quem faz a limpeza
Lavando a roupa encardida, esfregando o chão
Negra é a mão
É a mão da pureza
Negra é a vida consumida ao pé do fogão
Negra é a mão
Nos preparando a mesa
Limpando as manchas do mundo com água e sabão
[...]⁶

E não há maior mancha no mundo que o racismo, o fato de se julgar que uma pessoa seja melhor ou pior a partir da cor de sua pele.

⁶ Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/a-mao-da-limpeza.html>
Cadernos da Fucamp, v.22, n.58, p.108-123/2023

1.3 Emília como porta-voz das ideias lobatianas

Monteiro Lobato é autor da obra “Sítio do Picapau Amarelo”, sem dúvida, uma de suas maiores construções, com personagens diversos, com características peculiares e inusitadas. É um menino aventureiro (Pedrinho), uma menina intrigante (Narizinho), uma boneca falante (Emília), a Dona Benta que é a sábia vovó, a Tia Nastácia que a responsável por cuidar da casa e da cozinha, o Tio Barnabé que cuidava da fazenda, a Cuca, um jacaré-fêmea, que era a bruxa malvada da história, o Visconde de Sabugosa, boneco feito de espiga de sabugo de milho e que possui uma sabedoria brilhante e pernóstica, o Conselheiro ou Burro Falante, um burro que possui uma habilidade de aconselhar invejável, dentre tantos outros personagens interessantes.

Monteiro Lobato criou uma personagem inteligente, sarcástica, crítica e “sem papas” na língua, qual seja, Emília, a boneca de pano, personagem principal do Sítio do Picapau Amarelo. Racista como muitos o tem considerado, em suas obras, Emília é o porta-voz de Lobato, aquela que fala inúmeras coisas que, às vezes, à época poderiam não ser ofensivas, mas hoje, com um olhar mais apurado para as variadas formas de racismo existentes, percebemos o quão graves são as falas de Emília.

Emília é uma boneca de pano e macela criada por Tia Nastácia para Lúcia, mais conhecida como Narizinho por causa de seu nariz arrebitado. Como era um objeto inanimado, ela não conversava nem esboçava reações, contudo ao tomar uma pílula falante dada pelo Dr. Caramujo (também personagem da história), ela começa a falar e não para mais. Um dos pontos fortes de Emília é o instante que ela abre a sua “torneirinha de asneiras”, momento que ela utiliza para falar o que quer, bem como para justificar suas atitudes ou vontades.

Mesmo evoluindo e, de certa forma, tornando-se gente, a boneca Emília, em diversos momentos, mostra-se malcriada, egoísta, teimosa, birrenta, age com esperteza, fala o que quer, ignora repreensões que leva sem ao menos ser punida por suas atitudes, por isso ela é cheia de vontades. Ela é livre. E ela mesma se define como sendo “a independência ou a morte” (SANDRONI, 1987) resposta dada por ela ao sábio Visconde de Sabugosa quando ele a indagou sobre que criatura ela era. O sábio Visconde a descreve como sendo “uma tirana sem coração, interesseira e que só pensa em si”.

Muitos consideram Emília como sendo o *alter ego* de Monteiro Lobato, e era por intermédio dela que ele exprimia opiniões próprias, mas que não poderiam ser declaradas abertamente por ele, por se tratarem de ideias contrárias ao senso comum da época em que ele vivia. Não era raro que artistas criassem personagens que lhes representasse e que falassem aquilo que eles não podiam declarar em voz própria.

Certa vez, ao fazer uma declaração sobre Emília, Monteiro Lobato disse o seguinte:

Emília começou uma ridícula, feia boneca de pano, dessas que nas quitandas do interior custavam 200 réis. Mas rapidamente evoluiu, e evoluiu cabritamente — cabritinho novo — aos pinotes. E foi adquirindo tanta independência que, não sei em que livro, quando lhe perguntam: 'Mas que você é, afinal de contas, Emília:' ela respondeu de queixinho empinado: 'Sou a Independência ou Morte.' E é. Tão independente que nem eu, seu pai, consigo dominá-la. Quando escrevo um desses livros, ela me entra nos dois dedos que batem as teclas e diz o que quer, não o que eu quero. Cada vez mais, Emília é o que quer ser [...] (ZÖLER,2018).

As atitudes de Emília foram capazes de incomodar vários segmentos da sociedade, principalmente a classe religiosa, o clero. Em certo episódio da história, Emília se casa com Rabicó tão somente por interesse, uma vez que ela foi convencida por Narizinho de que quem se casasse com Rabicó se tornaria Marquesa e esse era um sonho da boneca e, se para tanto ela precisava casar, então ela se casou, desconstruindo, na época, a ideia de casamento puramente por amor, e demonstrando abertamente o casamento por interesse. No mesmo episódio em questão Emília se divorcia, uma vez que descobre que tudo não se passava de história, o que causou grande revolta de muitos dentro da sociedade: primeiro um casamento por interesse, segundo um divórcio no mesmo dia do enlace matrimonial.

Emília, com suas atitudes e ousadias, era capaz de desconstruir ideologias tanto culturais quanto religiosas, não apenas em seu tempo, visto que em certos pontos ela se mostra atemporal e muito à frente de sua época. Uma questão que lhe pesa é o modo pelo qual ela lidava com o preconceito racial, ou seja, ao racismo, pois, em diversos pontos de suas falas, ela se mostra incompreensiva e pronuncia palavras ou expressões ofensivas.

A exemplo disso, podemos citar a seguinte fala de Emília, no livro História de Tia Nastácia:

Pois cá comigo – disse Emília – só aturo essas histórias como estudos da ignorância e da burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras – coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto...

No livro Caçadas de Pedrinho em determinado trecho tem-se a seguinte sequência:

Pedrinho pediu à boneca que repetisse a sua conversa com os besouros espiões. Emília repetiu-a, terminando assim: — É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém — nem Tia Nastácia, que tem carne preta. As onças estão preparando as goelas para devorar todos os bípedes do sítio, exceto os de pena. (LOBATO, 1933).

Em “O macaco, a onça e o veado”, Tia Nastácia conta a trama que se passa entre esses três animais. Terminada a história, as crianças comentavam sobre a função de cada animal nos contos folclóricos. Ao escutar as crianças defendendo as ovelhas e carneiros, Tia Nastácia opina dizendo que esses animais não têm muita serventia a não ser para a culinária, pelo que Emília a retruca da seguinte forma:

– Bem se vê que é preta e beiçuda! Não tem a menor filosofia, esta diaba. Sina é o seu nariz, sabe? Todos os viventes têm o mesmo direito à vida, e para mim matar um carneirinho é crime ainda maior do que matar um homem. Facínora! (LOBATO, 2005, p. 52-53)

Emília, com seus impulsos e falas, às vezes impensadas, agia de maneira exagerada e racista, sem considerar o quão graves eram suas falas e atitudes diante de sua impetuosidade. Há de se considerar, entretanto, que Emília, por ser uma boneca de pano, não tinha obrigação de agir de maneira politicamente correta, então, por isso ela abria sua “torneirinha de asneiras” falando do jeito que lhe bem convinha.



Figura 1 Emília, primeiras ilustrações

Que determinadas falas de Emília, à luz do que vivemos e entendemos hoje, eram racistas, não há dúvida. Mas há que se considerar também a época em que o livro foi escrito, a posição de desigualdade vivida pelos negros dentro da sociedade brasileira, a quantidade de pensadores influentes no mundo que ainda defendiam a supremacia de algumas raças em detrimento de outras, a realidade que reverberava sobre os cidadãos da época, entre tantos outros pontos. Sendo assim, pode-se entender esse racismo perpetuado pela boneca de pano como um jeito arbitrário de se sobrepôr às ideias de Tia Nastácia, um racismo baseado em suas raivas e não em suas crenças, que era sempre rebatido pelas outras personagens da história.

Em aspectos gerais, ao analisarmos os livros de Monteiro Lobato, bem como suas personagens, entendemos que elas representavam cada segmento da sociedade da época, desde os mais privilegiados (a exemplo de Dona Benta), até os mais desfavorecidos, assim como Tia Nastácia. Contudo, convém compreendermos mais amplamente que o fato de Tia Nastácia e Tio Barnabé serem descritos de maneira inferior não se centrava apenas na cor de pele dessas personagens, mas também no conservadorismo que eles possuíam, bem como na falta de estudos e condições de vida melhor.

Podemos compreender que Monteiro Lobato retratou com muita literalidade o que de fato acontecia na época, um sistema comandado por classes dominantes que, por vezes, provocava o atraso da cultura e da evolução social do Brasil e que, nos dias atuais, nos deixa tão chocados pela frieza com que tratavam os negros. A esse respeito, preleciona Vasconcellos (1982. p. 112) que “[...] Os males do povo viriam da miséria e do abandono a que o relegariam as classes dominantes inconscientes [...] Da falta de instrução, que o deixaria entregue de mãos atadas à influência da Igreja.”

O *alter ego* de Monteiro Lobato – Emília – sem dúvida, agiu de forma preconceituosa, racista, inconsequente e irresponsável em variados momentos da história, mas em muitos outros trechos das tramas de Lobato ela enaltece e reconhece o quão essencial a Tia Nastácia era, o quanto ela representava a cultura, representava o povo. Emília possuía um antagonismo em si, visto que em certos momentos ela se mostrava racista e em outros ela mesma combatia a intolerância e enaltecia aquela cujas mãos lhe deram o formato.

1.4 Tia Nastácia: características físicas e psicológicas

Tia Nastácia, personagem do Sítio do Picapau Amarelo e de variadas publicações de Monteiro Lobato, assim como explica o próprio Lobato, foi inspirada em uma Anastácia que trabalhava em sua casa como babá de seus filhos, bem como cozinheira da família. A “Anastácia da vida real” era negra, alta, e possuía características muito próximas daquelas que denotavam a condição de vida dos negros da época. Lobato também descrevia a Anastácia como



Figura 2 Tia Nastácia, primeiras ilustrações

uma preta alta, excelente preta, muito resmunguenta e muito boa na cozinha.

A Tia Nastácia, cozinheira do Sítio do Picapau Amarelo, era uma mulher negra, acima do peso, de lábios grandes, na maioria das vezes usava um lenço na cabeça, era solícita, assustada, medrosa, de pouca instrução, responsável por cuidar do sítio e das pessoas que lá residiam (inclusive foram suas mãos as responsáveis por criar Emília de retalhos velhos e macela), carinhosa, protetora, preocupada, bondosa, cozinheira de mão cheia, dona dos melhores bolinhos de polvilho já feitos. Era também supersticiosa, muito supersticiosa, por isso esconjurava a todo tempo a expressão “cruz credo”, bem como, quando acontecia algo que lhe agradava ela amava dizer “melhor que isso só no céu”.

Ela era o Brasil vivo no contexto da história do sítio, era quem ela quem contava as histórias do folclore brasileiro, com riqueza de detalhes e prendendo a atenção dos meninos do sítio. Por seus contos Tia Nastácia conseguia levar a todas as crianças brasileiras aspectos de nossa cultura, características, riquezas culturais aqui existentes. Ela representava o povo, os negros, a cultura de um povo oprimido e, por vezes, esquecido.

1.5 Tio Barnabé: características físicas e psicológicas

Barnabé Sucupira da Silva, mais conhecido como Tio Barnabé, era um negro, velho, que estava sempre a fumar um cachimbo. Era um homem da roça que morava na propriedade de Dona Benta e que, conjuntamente com Tia Nastácia, organizava o sítio, cuidava dos jardins, dos consertos necessários, bem como ajudava a organizar as festas. Era um grande amigo de Pedrinho, inclusive foi o Tio Barnabé que o ensinara a caçar o Saci.

Ele era muito sábio, conselheiro, de uma bondade tamanha, honesto e também muito protetor. Seu objetivo era sempre deixar o sítio bem zelado e, assim, agradar à Dona Benta. O que Tio Barnabé mais gostava de fazer era contar histórias para os pimpolhos do sítio, principalmente para seu amigo Pedrinho. Gostava também de pescar, conversar com velhos amigos, de festa junina e de caçar o Saci.



Figura 3 Tio Barnabé

Assim como Tia Nastácia, Tio Barnabé representava o povo, mais especificamente do negro e de sua busca por reconhecimento, respeito, consideração por aqueles que se julgavam dominantes e superiores, a chamada “raça ariana” que, descabidamente acreditavam ser melhores e maiores que outros seres humanos tão apenas pela linhagem cultural e sanguínea a que pertenciam. Com suas histórias, ele perpetuava para crianças de todo o Brasil (e até no exterior) a grandeza da cultura brasileira, seu folclore, a grandeza emblemática que é a nossa sociedade. Tia Nastácia era o povo. Tio Barnabé também o era, ambos eram a força do negro, da população, eram o escopo da busca por reconhecimento.

2 METODOLOGIA DE TRABALHO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, em livros, artigos e sites da internet que tratam do tema e que corroboram para a defesa do ponto de vista que está sendo feita no presente trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Monteiro Lobato foi um criador emblemático, atemporal, prestigiado e ao mesmo tempo odiado por suas publicações, isso é fato. Seus escritos, suas obras, seus feitos, opiniões, suas personagens, tudo o que ele fazia, criava, declarava ou escrevia se tornava grandioso, reconhecido por muitos, criticado e aclamado numa intensidade sem precedentes. Ele também não ficava para trás, uma vez que era tão crítico e cético quanto seus “oponentes”.

Lobato, pai da literatura infantil no Brasil, com um vasto conhecimento que empregava em seus livros revolucionou a escrita, inaugurou aqui no nosso país a inserção das crianças no mundo cultural brasileiro, uma vez que em seus escritos ele priorizava veementemente a brasilidade, o respeito pelo que é nosso, qual seja a nossa cultura, o nosso Brasil e os vários “brasis” que nele estão contidos.

Desde 2010 perdura um debate acerca de as obras de Lobato possuírem ou não conteúdo racista e se estas deveriam ser ou não consideradas leituras obrigatórias para os alunos de escola pública, sobretudo os livros *Caçadas de Pedrinho* e *História de Tia Nastácia*. Há quem defenda ferrenhamente que as obras possuem entranhada, em suas linhas, discriminação racial nua e crua, por outro lado existem os defensores de Lobato que dizem que não, que não existe racismo nos escritos de Monteiro Lobato, tudo não passa de época, contexto, liberdade de expressão.

O debate acerca do assunto tomou tamanha proporção que chegou à Suprema Corte Brasileira – o Supremo Tribunal Federal – lugar que discute os maiores e mais confusos casos, que carecem de uma opinião final sólida, coerente e capaz de dirimir as controvérsias sobre determinado assunto ou fato. Em 2014, discutiu-se a retirada do livro “*Caçadas de Pedrinho*” da lista de leitura obrigatória em escolas públicas. Luiz Fux, Ministro do STF, julgou improcedente o pedido.

Que as obras de Lobato possuíam conteúdo racista não nos resta dúvida, entretanto deve-se levar em conta o momento, a época, o contexto que elas estavam inseridas. Obviamente, não existem argumentos capazes de justificar o racismo, qualquer tipo de discriminação racial ou

Cadernos da Fucamp, v.22, n.58, p.108-123/2023

mesmo falas descabidas como a de que existe uma raça predominante, mas, naquele tempo, ainda perdurava a ideia de supremacia de certa raça em detrimento de outras. Se em pleno século XXI ainda encontramos pessoas com essa mentalidade, com esse ideal, com esse viés de pensamento, quem dirá a tantos anos atrás? A ideia de supremacia de alguma raça está sendo desconstruída ao longo dos anos, então, tais detalhes devem ser considerados na obra de Monteiro Lobato.

Em análise das obras de Lobato em consonância com o fator tempo/história concluímos que não podemos cometer o equívoco de limitar as obras de Monteiro Lobato em obras conteudistas e puramente racistas, até mesmo porque tudo o que ele escreveu ia muito além do tempo dele e do nosso próprio tempo. É importante considerarmos que Lobato conseguiu inserir a literatura infantojuvenil no Brasil e por meio dessa literatura, ele conseguiu promulgar o folclore brasileiro, a cultura brasileira.

Na Semana de Arte Moderna, ocorrida em fevereiro de 1922, por exemplo, artistas brasileiros, impelidos pelas vanguardas europeias fizeram uma série de apresentações e foram duramente criticados por Monteiro Lobato, pois ele entendia que o que realmente deveria ser exaltado era a cultura brasileira e era, justamente isso, que ele fazia. Ele foi um representante nato da cultura brasileira dentro dos livros infantis. Tendo isso em vista, é importante não considerarmos apenas o fato de que em suas obras em determinados pontos ele trata o negro de uma forma racista e discriminatória, até mesmo porque se pegarmos todo o contexto da época a discriminação que existia em relação ao negro não era puramente pela cor da pele, mas por causa da condição social que este vivia e pela limitação de pensamentos que possuíam, visto que não tinham acesso à educação, não possuíam voz ativa na sociedade nem eram devidamente respeitados.

A literatura de Lobato é grandiosa, e é oportunidade para acesso ao aprendizado. Se pararmos para refletir veremos que Lobato citou o negro nas figuras do Saci, de Tia Nastácia e de Tio Barnabé e eles representavam, em suas obras, o povo, a população, o folclore, as crendices populares, ainda que sendo vítimas de racismo, discriminação e críticas eles traziam representatividade a um povo que não tinha. A partir da obra de Monteiro Lobato lhes foi dado visibilidade. Afirmar que Lobato, ainda que racista, trouxe representatividade ao negro não é uma forma de minimizar a gravidade do problema que é o racismo, antes é a admissão desta verdade.

A solução para o impasse que é o racismo dentro das obras de Monteiro Lobato é de uma simplicidade sem tamanho, inclusive já é até praticada em obras de outros autores, basta

adequar as falas e os trechos considerados racistas e discriminatórios à nova realidade que vivemos hoje, utilizar sinônimos, expressões respeitadas e não racistas, excluir trechos que são incompreensíveis para certo público-alvo, entre outras alternativas de adequação e como em janeiro de 2019, as obras de Lobato se tornaram de domínio público (significa que qualquer pessoa pode utilizá-la, adaptá-la, veicular, imprimir, explorar economicamente tais obras sem a necessidade de autorização prévia de seu autor ou titular de direito) fazer tais adequações e adaptações é perfeitamente possível.

É bem possível que, inteligente como era, Monteiro Lobato tivesse consciência do racismo expresso em sua obra para crianças, todavia, como dito, trabalhar com as obras de Monteiro Lobato é uma oportunidade de aprendizado e de evolução. O professor de Português pode valer-se das próprias obras de Lobato para aprimorar o debate acerca do racismo e ensinar aos seus alunos que tais práticas naquela época poderiam até ser “comuns”, mas hoje sabemos que são inadmissíveis e devem ser reprimidas.

Soluções para as partes e trechos racistas existem inúmeras e devem ser executadas. O que não se pode, em hipótese nenhuma, é defender a retirada de tais obras das leituras indicadas aos alunos de escolas públicas ou a qualquer criança, adolescente, jovem ou mesmo adulto. Intentar tal acontecimento, isso sim, seria negligente e até mesmo desumano, antes devemos promulgar sua utilização em massa, pois é oportunidade de crescimento. Por meio de suas obras, é possível vislumbrar a grandiosidade que é a literatura brasileira em si, mormente a literatura infantojuvenil brasileira iniciada no nosso Brasil pelo escritor e autor Monteiro Lobato.

REFERÊNCIAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023, de 21.11.2018. Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Rio de Janeiro, 2018.

AMARAL, Sharyse Piroupo do. **História do negro no Brasil** Brasília: Edição do Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, 2011.

BARREIROS, Isabela. **A polêmica de Monteiro Lobato em Sítio do Picapau Amarelo: homem de seu tempo ou racismo explícito?** AH Aventuras na História, São Paulo, 04/01/2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/polemica-de-monteiro-lobato-em-sitio-do-picapau-amarelo-homem-de-seu-tempo-ou-racismo-explicito.phtml>. Acesso em: 23 de out. 2020.

BOLDORINI, M. G.; MORAES, T. M. R. Monteiro Lobato: racista ou retratista de seu tempo? **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 05, n. 01, p. 195-216, jan./jun. 2016.

BRASIL. Código Penal Brasileiro. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em 22 de out. de 2020.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 22 de out. de 2020.

COSTA NETO, Antônio Gomes da. A desconstrução do racismo através de Monteiro Lobato: uma análise do caso “Caçadas de Pedrinho”. **Caderno de Letras**, nº 25, Jul-Dez - 2015 - ISSN 0102-9576.

DE FIORE, Ottaviano. Racismo no Sítio do Picapau Amarelo? **Ponto-e-vírgula**, 12: 60-87, 2013.

DIAS, Maurício. **Monteiro Lobato, racista empedernido**. **Carta Capital**. (Edição de 17/5/2013). Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/749/monteiro-lobato-racista-empedernido>. Acesso em: 22 de out. de 2020.

FERES JÚNIOR, João; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes; EISENBERG, Zena Winona. Monteiro Lobato e o Politicamente Correto. **Revista Dados – Scielo**. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 56, no 1, 2013, pp. 69 a 108.

LOBATO, J. B. M (1933), **As Caçadas de Pedrinho**. São Paulo: Editora Globo, 2008.

LOBATO, J. B. M. *O Presidente Negro*. São Paulo: Globo, 2009.

LOBATO, J. B. M. Biografia. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/monteiro_lobato/#:~:text=Monteiro%20Lobato%20\(1882%2D1948\),maior%20destaque%20na%20literatura%20infantil.&text=Foi%20um%20dos%20primeiros%20autores,e%20de%20toda%20Am%C3%A9rica%20Latina](https://www.ebiografia.com/monteiro_lobato/#:~:text=Monteiro%20Lobato%20(1882%2D1948),maior%20destaque%20na%20literatura%20infantil.&text=Foi%20um%20dos%20primeiros%20autores,e%20de%20toda%20Am%C3%A9rica%20Latina). Acesso em: 21 de out. 2020.

LOBATO, J. B. M. **Histórias de Tia Nastácia**. Ilustrações de Manoel Victor Filho. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LOBATO, J. B. M. **Histórias de Tia Nastácia**. Ilustrações de Manoel Victor Filho. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

LOBATO, J. B. M. Monteiro Lobato, in: Barca de Gleyre, 14. ed, Brasiliense, São Paulo, 1972 .

QUINTAES, Marcus. Emília A Ousadia de uma boneca sem papas na língua. **Revista Ártemis**. ISSN: 1807-8214. Número 3. Dezembro de 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/Matheus/Desktop/TCC%20SANDRO/Sobre%20Em%C3%ADlia%20-%202203-Texto%20do%20artigo%20SEM%20identifica%C3%A7%C3%A3o%20da%20autoria-3418-1-10-20080711.pdf>. Acesso em: 23 de out. 2020.

Cadernos da Fucamp, v.22, n.58, p.108-123/2023

RIBEIRO, Rodrigo de Oliveira. **Literatura e racismo**: uma análise sobre Monteiro Lobato e sua obra. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2015-dez-12/literatura-racismo-analise-monteiro-lobato-obra>. Acesso em: 23 de out. 2020.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga** - as reinações renovadas. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1987.

SÍTIO DO PICAPAU AMARELO (2001). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=S%C3%ADtio do Picapau Amarelo \(2001\)&oldid=59571500](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=S%C3%ADtio_do_Picapau_Amarelo_(2001)&oldid=59571500)>. Acesso em: 24 out. 2020.

VASCONCELLOS, Z. M. C. O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato. São Paulo: Traço, 1982. pág. 112.

ZÖLER, Zöler (2018). «3.2.1 **Tia Nastácia** 1910». Lobato Letrador. 3º passo 1 ed. [S.l.]: Tagore Editora. p. 130. 408 páginas. ISBN [9788553250332](https://www.isbn-international.org/number/9788553250332)